



ACADEMIA CANTAGALENSE DE LETRAS

E se não chover?

José Huguenin

Tonho seguia descalço sobre o chão incendiado pelo sol que não brilhava, ardia. À mão levava uma cavadeira, relíquia da família, passada de pai para filho como único espólio de uma história que se repetia, movida pela obstinação em plantar, pelo sonho de colher. O metal, desgastado pelo tempo e a terra seca, abria pequenas covas naquele braseiro. De uma cuia tirava a semente, caroços de milho lançados cuidadosamente de três em três. A respiração já estabilizara e só mesmo o barulho do metal esmirrado abrindo o talho para receber o milho-semente era ouvido. Mas o que Tonho ouvia mesmo era a lembrança da briga com a mulher que, de longe, observava-o como quem via uma cena absurda.

- Não, cê num vai jogar nesse chão rachado o único punhado de milho que nós temo pra fazê fubá!

- Mas mulher, nós temo que plantá. Esse ano, com a graça de Deus, vai chover!

- E se num chover?

Ele sabia o que aconteceria se não chovesse. Aquele único punhado de milho que eles poderiam moer para fazer fubá, dando-os o que comer por alguns dias, seria queimado no braseiro do chão. Secaria. Perderia a poupa. Bicho os comeria. Não sobraria nada além da cova vazia. Agora só ouvia as lágrimas da mulher que queria comer as sementes. Mas era a semente que lhes daria fartura. Se não chovesse, seria o fubá que lhes faltaria. “Esse ano vai chover!”, pensava as vezes para espantar o remorso de ter brigado com a sua Helena. “Esse ano vai chover!”, e agora era para justificar o ato de negar comida à sua Helena. Não só a ela, mas também ao filho Bento.

Isso doía mais que tudo. Não fosse o próprio menino zangar também com sua Mãinha em defesa da semente. Disse que não sentia fome, que era preciso plantar. Nesse



ACADEMIA CANTAGALENSE DE LETRAS

momento Tonho bateu com a cavadeira de forma mais leve, como se quisesse a preservar. Seria o espólio de seu filho Bento. O menino já herdara a chama interior, combustível para teimosia de plantar onde não se sabe se vai chover. “Esse ano vai chover!” Agora era oração que fazia, vendo o filho Bento imitá-lo com um pedaço de pau. Repetia o movimento, jogava pedrinhas que catara no areal. Tinha jeito, não. O menino já estava plantado naquela terra feito ele. Haveria de chover para que o menino, enfim, conhecesse chuva. Lembrou que ele mesmo havia conhecido a chuva já era um bitelo. Mas este ano ia chover. Vislumbrou um milharal. Fariam, além do fubá, curau com milho verde, assariam as espigas graúdas em fogueiras de São João.

“ - E se num chover?” - A voz da mulher voltava-lhe a mente e nuvens negras invadiam seu espírito. Nuvens negras. Mirou o céu longe, olhando para o lado de onde a chuva chegava, nas raras vezes que vinha. Viu nuvens negras. O coração acelerou como se tivesse achado ouro.

- Bento! Venha ver...Vai chover!

A mulher se levantou, resignada. Enxugou as lágrimas salgadas, até então único líquido a molhar a terra e foi atrás de vasilhas para aparar a chuva debaixo das goteiras que ela já não lembrava bem ao certo onde ficava.

Esse conto integra o livro *Vidas Sertanejas*, publicado pela Editora Outra Margem.